

pó?:

9

**Revista do Programa
de Pós-graduação em Artes
da Escola de Belas Artes da UFMG**

v.5, n.9, maio 2015

©2015, Programa de Pós-graduação em Artes (EBA/UFMG)

Todos os direitos reservados, nenhuma parte desta revista poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados, sem permissão por escrito.

Os conceitos emitidos em artigos assinados são de responsabilidade exclusiva de seus autores, estando as normas técnicas de acordo com as referências de seus países.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Biblioteca da Escola de Belas Artes da UFMG, MG, Brasil)

Pós [recurso eletrônico] : Revista do Programa de Pós-graduação em Artes. – Vol. 1, n. 1 (maio 2008)- . – Belo Horizonte : Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, 2008-

A partir de 2011 também em meio eletrônico.

Modo de acesso: Internet.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

ISSN 1982-9507

ISSN ELETRÔNICO 2238-2046

1. Artes – Periódicos. I. Universidade Federal de Minas Gerais.
Escola de Belas Artes.

CDD: 700

CDU: 7

Redação

Programa de Pós-graduação em Artes/EBA/UFMG

Av. Antônio Carlos, 6627 – Pampulha

31270-901 Belo Horizonte – MG

Tel: (31) 3409-5260

e-mail: revistapos.ppga@gmail.com

Pós: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes – EBA/UFMG

Universidade Federal de Minas Gerais

Reitor: Jaime Arturo Ramírez

Pró-Reitor de Pós-graduação: Rodrigo Antônio de Paiva Duarte

Escola de Belas Artes

Diretora: Maria Beatriz Mendonça

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Artes: Mariana de Lima e Muniz

Editora-Chefe: Yacy-Ara Froner

Editora:

Patrícia Franca-Huchet

Conselho Editorial

Ana Mae Tavares Barbosa – Universidade de São Paulo

Beatrice Picon-Vallin – Université Paris III – Sorbonne Nouvelle

Claus Clüver – Indiana University

Cauhtémoc Medina – Universidad Nacional Autónoma de México

Heitor Capuzzo – Nanyang Technological University in Singapore

Leila Danziger – Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Luiz Antônio Cruz Souza – Universidade Federal de Minas Gerais

Maria Beatriz de Medeiros – Universidade de Brasília

Maria Lúcia Bastos Kern – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Narayan Khandekar – Harvard University Art Museums

Silvia Fernandes da Silva Telesi – Universidade de São Paulo

Teresa Eça – Universidade de Évora

Vibeke Sorensen – Nanyang Technological University in Singapore

Comitê Editorial

Ana Lúcia Andrade

Lucia Gouvêa Pimentel

Mariana de Lima e Muniz

Maurilio Andrade Rocha

Patrícia Dias Franca-Huchet

Yacy-Ara Froner

Ficha Catalográfica: Luciana de Oliveira Matos Cunha

Projeto gráfico: Núcleo de Produção em Artes Gráficas

Criação da capa: Patrícia Franca-Huchet, Ana Paula Garcia, Gladston Costa

Imagens da capa: Registros do trabalho *Psycho* de Benoit-Marie Moriceau, 2007, por Laurent Grivet;
fotografias de Patrícia Franca-Huchet

Contracapa: *Pedaço do dia*, poema de Mäel [heterônimo de Patrícia Franca-Huchet] 2014

Divisão das seções: Fotografias de Patrícia Franca-Huchet [Anarquivos]

Diagramação: Ana Paula Garcia, Gladston Costa

Editoração eletrônica: Virgílio Vasconcelos

Impressão: Imprensa Universitária/UFMG

<http://www.eba.ufmg.br/revistapos>

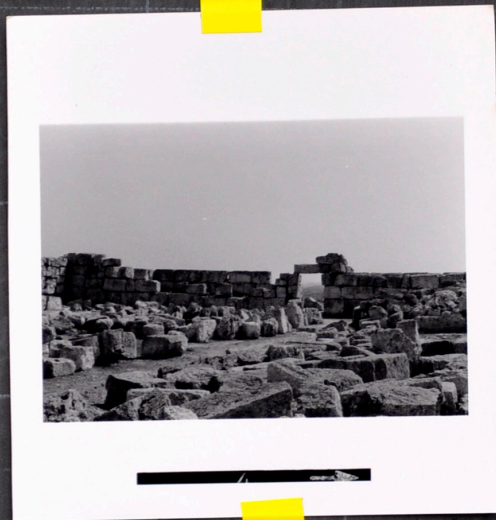
revistapos.ppga@gmail.com

Apoio: FAPEMIG

Agradecemos aos autores e artistas que contribuíram para a elaboração deste número.

Sumário

Escola do Pensamento	7	LUIS ALBERTO BRANDÃO
Editorial	9	PATRICIA FRANCA-HUCHET
Imagem, evento, duração	14	GEORGES DIDI-HUBERMAN
“(Foto)gráfica”: cotejamento, provocação e subterfúgio	28	PAULA ALMOZORA
Bill Viola, ‘escultor do tempo’ – um xamã da imagem	41	ANGELA GRANDO
Leila Danzinger e a emancipação das imagens	55	BÁRBARA MÓL
Prolongamentos de uma tese incerta	68	ADRIANE HERNANDEZ
Espaço social e obra de arte: do White Cube à Casa Negra	84	JEAN-MARC POINSOT
Notas digressivas em torno do pequeno gesto	106	LUCIANO VINHOSA
Arte habitado: consideraciones artística acerca del lugar	117	GUILLERMO AYMERICH
Reescrito: projeções incorporadas	134	AGDA CARVALHO E EDILSON FERRI
O que Benjamin diz ao artista ?	143	STÉPHANE HUCHET
Teorias da arte, discursos e práticas de artistas, aqui e agora	156	MÁRIO AZEVEDO
Coleção como prática coletiva: a narrativa, a retórica e o semiológico	165	YACY-ARA FRONER
A sombra e a matéria da pele na pintura	178	CHRISTIANA QUADY
<i>Os imateriais</i> de Lyotard (1885) : um programa figural	189	JEAN-LOUIS DÉOTTE
Caderno de Imagens	202	PATRICIA FRANCA-HUCHET, ANA PAULA GARCIA E GLADSTON COSTA



Escola do Pensamento

Luis Alberto Brandão

1

nestas salas simplesmente se respira
e as paredes tremem livres
os rostos se olham de frente
ao vasculhar belezas – como a errância
de um corpo que se expande

2

nos painéis de um vasto corredor
estrelas de isopor ou cristal
– Maravilha, Inquietude, Vigor –
candidamente desenham
combinações de forças

3

desta outra sala (de aula?) a arquitetura
das vitalidades oscila segundo leis de atração
e dizes que atravessam a válvula
da incerteza: “pode ser”, “como não”
“ora pois” – eis os pilares móveis

4

no pátio as chances de disparar
em alguém um sorriso calculam-se
com elegância matemática (ciência da vertigem)
pois o deixar-se flinando conecta
tudo e todos

5

como a água no balde girado se abaúla
no laboratório age-se sobre o que está à volta
até desdobrá-lo, revoltá-lo
propagá-lo em partículas elementares:
saber-duvidar, duvidar-saber

6

os recintos desta escola singram radiâncias
e catástrofes, espaços-tempos onde-quando
os cérebros deixam-se roubar, mas não sua potência
de irreverenciar-se sem patente
ora incontestes, ora inconstantes

7

no auditório se exercita distração
nos passadiços não há impasse
na cantina se degusta o etéreo
o latente se bebe voluptuosamente
comem-se grãos de luz

8

das escadas dão-se saltos em abismos
um degrau vence a distância entre nebulosas
símbolos fazem revoluções
se o incógnito incide
na região do visível

9

aqui cidadanias se alastram
de quem-sou-eles a quem-és-nós
matérias ondulatórias e precariedades
com poder de fogo habitam o além
demonstram o que não há

10

aqui o universo cabe nas mãos
que tocam o que a mente vislumbra
e o que ela (também de si) extrapola
o ilimitar-se
não se esgota

11

na biblioteca o artista, o filósofo, o cabulador
o cientista, o diletante, o fazedor
de gambiarras são distribuições probabilísticas
de um mesmo aprendiz que trilha
espectros de energia

12

é este pupilo quem invade a diretoria
e escancara a janela por onde entram
neste exato instante (voam todos os papéis)
rajadas do vento

– o Imponderável?

Luis Alberto Brandão é professor titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Publicou os livros, dentre outros, *Grafias da identidade: literatura contemporânea e imaginário nacional* (Finalista do Prêmio Jabuti), *Um olho de vidro: a narrativa de Sérgio Sant'Anna* (Prêmio Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte), *Chuva de letras* (Prêmio Nacional de Literatura João-de-Barro, Finalista do Prêmio Jabuti), *Manhã do Brasil* (Finalista do Prêmio Portugal Telecom), *Saber de pedra: o livro das estátuas* (Bolsa Vitae de Artes: literatura) e *Tablados: livro de livros*.

Editorial

Todo artista tem um pouco de cientista, poeta e *bricoleur*

Colocar a questão da pertinência do artista pesquisador nos faz retornar a uma tradição secular. A necessidade de abordar esse sujeito nunca me pareceu tão viva, sobretudo para aqueles que se sentem como tal. Olhando para as palavras “artista” e “pesquisador” sabemos que elas nos levam a uma corrente herdada do renascimento, quando alguns artistas teorizavam suas práticas, moldando-as de várias maneiras, como ficção, em cadernos, ensaios, escritos críticos e notas de trabalho, se desenvolvendo através do tempo. Sabemos, entretanto, que ainda existe um desinteresse da sociedade sobre o assunto, inclusive, na própria academia.

Muitas vezes, em situações que envolvem outras áreas, ditas científicas, existe quase o constrangimento do “ser artista”. No entanto, me pergunto se a prática artística não levaria, de forma inovadora, mais consciência para a sociedade. Acredito que os artistas intuem o futuro e colaboram com novos modelos de comportamento social, percepção e urbanismo, ou até mesmo outros, morais e econômico. Em seu *Pourparlers 12*, Gilles Deleuze escreveu: “*O que interessa são as relações entre as artes, as ciências e a filosofia. Não existe nenhum privilégio de uma destas disciplinas sobre a outra. Cada uma delas é criadora. O verdadeiro objeto da ciência é o de criar funções, o verdadeiro objeto da arte criar agregados sensíveis e o objeto da filosofia, criar conceitos*” (DELEUZE, Gilles. 1990:168). Vemos como na base de todas as pesquisas e em todas as áreas, existe o impulso vital da curiosidade e da criação. Poder-se-á pensar, na arte também como resistência, o que nos parece uma ampliação na noção de como podemos lidar com ela. Pelas escolhas de diversos dispositivos e metodologias de pesquisa, os artistas manifestam a vontade de produzir novos laços entre a atividade artística e um conjunto maior dentre as atividades humanas. A arte tem os seus intermediários, tais como o crítico, o historiador e o agente das exposições; mas é o artista, como pesquisador, que envolve em sua esfera produtiva estas três instâncias: quando estuda a história e mesmo outras áreas em função de seu tema; quando necessita ser crítico para trabalhar com o ensino, para publicar; ou ainda editar obras e apontar fatores inéditos, por exemplo, nas curadorias. O artista pesquisador exerce bem suas forças familiarizando com os filósofos ou historiadores, teóricos ou poetas.

Na sequência de tudo isso, me vem o termo Bricolage, pensado por Claude Lévi-Strauss no seu livro O Pensamento Selvagem. Ele mostra que a arte

se insere no meio caminho entre o conhecimento científico e o pensamento mítico ou mágico; dizendo que todo mundo sabe que o artista tem um pouco do cientista e do bricoleur: com meios artesanais ele confecciona um objeto material que é um objeto de conhecimento. Levi-Strauss distingue o cientista e o bricoleur: o cientista e o bricoleur por suas funções inversas que, na ordem instrumental e final, atribuem ao acontecimento e à estrutura: um fazendo acontecimentos (mudar o mundo) por meio de estruturas e o outro estruturas por meio dos acontecimentos. [...] assim como a bricolage, no plano técnico, a reflexão mítica pode alcançar, no plano intelectual, resultados brilhantes e imprevistos. [...] conhecem-se zonas onde o pensamento selvagem, tal como as espécies selvagens, acham-se relativamente protegidas: é o caso da arte [...] e é sobretudo o caso de tantos setores da vida social ainda não desbravada, onde, por indiferença ou impotência e sem que saibamos o porque, o pensamento selvagem continua a prosperar”. (LÉVI-STRAUSS, 1962: 32 e 38).

Assim, Levi-Strauss atribui ao “pensamento selvagem” uma arte do acaso, um objetivo cuja lógica se constrói inteiramente sobre a relação do homem com seu meio natural. Propõe a ideia de inscrever a experiência humana na história e de colocar em dúvida a legitimidade de um pensamento convencional.

O número 09 da já consolidada Revista **Pós** tem como seu tema principal o artista pesquisador e suas possíveis contribuições para as ciências humanas. Sob a forma de uma constelação móvel de enunciados, a pesquisa em arte propicia ao artista teorizar o sentido e o posicionamento de sua prática frente a um conjunto de disciplinas — a história, a filosofia, a estética, a antropologia, a psicanálise, a invenção e, naturalmente, a arte — bem como a um contexto discursivo e visual que o envolve cultural e socialmente. “Mas em que sentido o artista poderá ser considerado como pesquisador? [...] O objetivo de uma pesquisa em artes plásticas e visuais será o de afirmar uma prática pessoal, com a dupla inquietação de sua instauração artística e a análise dos questionamentos que ela suscita e problematiza.”¹ Posto isso, as questões que levam o artista pesquisador a construção de um objeto ou sujeito, a redação de um projeto junto à sua prática artística, que se move e se agita em um campo vasto de noções, são de uma grande exigência e aspiração. Hoje, podemos afirmar que a pesquisa em arte, em suas diversas manifestações, demonstra formas e ações suscetíveis de mostrar às ciências humanas interrogações e proposições ainda inexploradas, e assim deixa, inclusive, transparecer um rico saber que pode consolidar pesquisas sobre outras ordens da natureza humana em geral. Observamos que a história da arte é constituída por um conjunto amplo de artistas que não teriam sido o que foram, que não teriam deixado o marco que deixaram no tempo se não tivessem sido pesquisadores de certa maneira. O artista pesquisador é uma peça-chave na formação e na transmissão do conhecimento histórico, mas também e sobretudo, de um conhecimento experimental, que ele vivencia em sua prática. Será que o fato de ser artista significa deter uma abertura às faculdades mais diversas possíveis em nossas abordagens do mundo?

Os laços entre a ciência e a arte são muito mais estreitos do que podemos imaginar. O artista moderno (contemporâneo), por exemplo, é um artista evidentemente pesquisador, que

pensa sua prática, que aprofunda, para si e para o público, o sentido de sua produção e de seu trabalho. É o que muitos artistas do século XX demonstram, quando ensinam, escrevem ensaios, redigem livros, refletem sobre sua linguagem, publicam e fazem evoluir a ciência da arte. Se muitos artistas de grande renome foram professores, atualmente o estudo universitário da arte também deve muito à figura do artista pesquisador.

Reiterando, hoje percebemos artistas pesquisadores que mostram caminhos que nos levam ao conhecimento; temos muitas formas de abordar o conhecimento! Em suas inúmeras maneiras de pesquisar o universo, a natureza, a psiquê, a forma, o corpo, os sentidos, a política, eles avançam com a arte em uma direção onde materializam formas do saber. Muitas vezes estão à frente de seu tempo e não raro falam por surpreendentes maneiras de sujeitos profundos e impactantes, como fazem os seus pares em outras áreas.

Agradeço aos artistas pesquisadores Adriane Hernandez, Agda Regina de Carvalho, Bárbara Mól, Christiana Quady, Edilson Ferri, Guillermo Aymerich, Luciano Simão Vinhosa, Mário Azevedo, Paula Almozara e aos historiadores e críticos Angela Grando; especialmente a George Didi-Huberman, Jean-Marc Poinot, Jean-Louis Déotte e Stéphane Huchet, e muito especialmente a Luis Alberto Brandão e Yacy-ara Froner.

Patricia Franca-Huchet

Editora

Mai de 2015

NOTAS

¹<http://cerap.univ-paris1.fr/présentation>, consultado em 12 de dezembro de 2012.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles. *Pourparlers 1972-1990*. Paris: Ed. Minuit, 1990.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *La pensée sauvage*. Paris: Plon, 1962.